



ID: 97937526

06-03-2022 | Urbano



É a brincar que na antiga fábrica se ensinam os novos “cientistas”

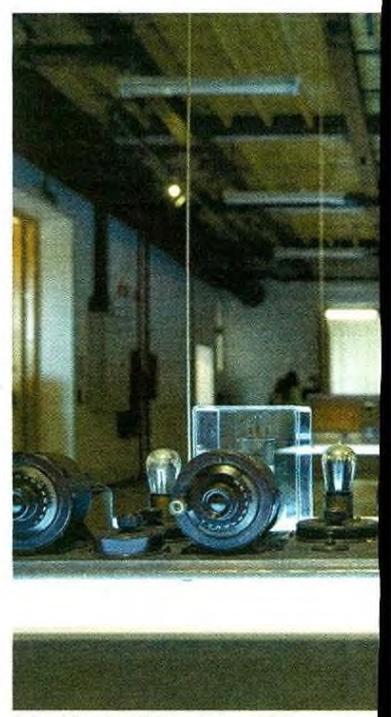
Na velha companhia de moagem na cidade de Aveiro há um centro que estimula o conhecimento de forma lúdica através da construção de robôs, confeção de bolachas, exposições interativas e um sem-fim de atividades que acontecem dentro e fora de portas, para alcançar crianças e outros públicos

Zulay Costa urbano@jn.pt

A antiga Companhia Aveirense de Moagens encerra um mundo de ciência que ensina a fazer robôs, conta o que são anelídeos e outros invertebrados, permite perceber como se formam tsunamis, assistir a palestras de astronomia e até mostram como a química alimentar está presente quando se fazem bolachinhas de chocolate, entre muitas outras atividades.

“Queremos desmistificar e tirar o medo da ciência, muitas crianças acham que é difícil e complicado, mas é divertido”, explica Fábio Ferreira, monitor que coordena o ateliê que aos fins de semana ensina a fazer robôs com legos e a programá-los. No dia da visita do JN Urbano, era uma tartaruga com sensores de infravermelhos, que partia em busca de “comida”, para assinalar o nascimento de Darwin.

Matilde, 9 anos, pediu logo ao pai, Bruno Cabral, para ir, mal soube da atividade. “Foi fácil e tive a ajuda do pai. Gosto de vir à fábrica”, conta. Alice, 8 anos, só tinha olhos para o robô. “Não quer saber de mais nada”, diz o progenitor, Filipe Saraiva, a rir.



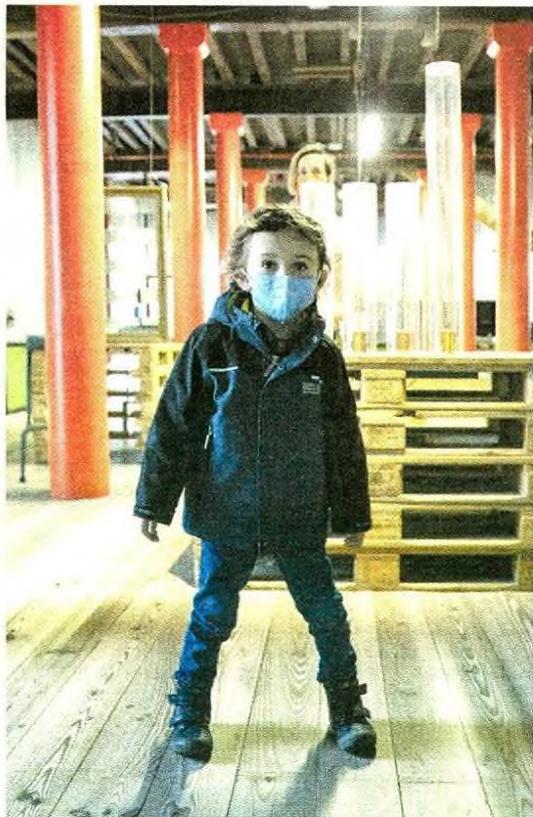
Para além de oficinas, laboratórios e palestras



ID: 97937526

06-03-2022 | Urbano

← Iniciativa permite às famílias realizarem atividades em conjunto



↖ João ficou encantado com exposição interativa

↑ Fazer robôs com legos e programá-los cativou crianças

↑ Família de Gaia levou bolachas e lição de química alimentar para casa



↑ Centro ligado à Universidade de Aveiro está instalado em antiga fábrica de moagem

Margarida, 10 anos, já é presença regular no local. “É interativo e divertido. Aprendemos coisas novas que não se aprendem na escola e é fixe porque são diferentes do dia a dia”, explica, enquanto pinta figuras que ajudou a fazer. Antes, confessa, “pensava que a ciência era uma coisa chata”.

Uma família de Gaia leva bolachas em forma de dinossauro, que Carla e Carolina, de 9 e 10 anos, fizeram na cozinha, enquanto descobriam mais sobre química alimentar. Dalí, rumam ao laboratório. É lá que a pequena Bruna, de 5 anos, mete as mãos na terra à procura de minhocas, que são “anelídeos”, atalha o pai, Tiago Almeida, explicando que a fábrica permite fazer “muitas experiências educativas e lúdicas”, que em casa seriam “mais difíceis”.

ESTIMULAR O RACIOCÍNIO

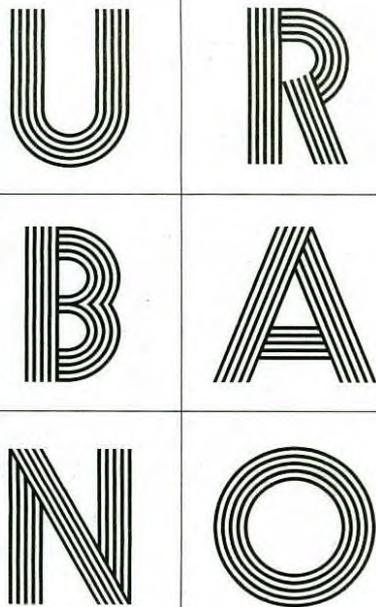
João, 5 anos, brinca na exposição Mãos na Massa, um espaço interativo que se centra na química, física e matemática. Tem desde um módulo que explica o código binário dos computadores a sistemas de roldanas, permite simular montanhas e outros ambientes ao mexer na terra e replica a formação de tsunamis, entre muitas outras experiências. “As atividades estimulam o raciocínio, a observação, o pensamento crítico, despertando-os e levando-os a questionarem-se”, enquanto se “divertem”, explica a mãe, Catarina Duarte.

“Acreditamos que as pessoas com mais cultura científica e com mais conhecimento podem refletir de outra forma sobre os problemas do dia a dia, tomar melhores decisões e exercer uma cidadania mais ativa e consciente”, refere o diretor da fábrica, Pedro Pombo.

A fábrica, um Centro Ciência Viva que integra a Universidade de Aveiro e faz parte da rede nacional daquele tipo de centros, tem precisamente como “missão a promoção da cultura científica e o envolvimento do público”, com um programa educativo que inclui escolas, atividades abertas às famílias e ações itinerantes por todo o país, muitas das quais resultam de parcerias com autarquias, entidades regionais e até programas europeus.

Na manhã que o JN Urbano passou no local, que mantém muitos dos traços originais da antiga unidade fabril, estavam inscritas 127 pessoas em cinco programas. Esta é apenas uma pequena amostra do trabalho que se realiza dentro e fora de portas, explica Pedro Pombo. Em 2019, as várias ações abrangeram 55 474 pessoas. A adesão decaiu devido à pandemia, mas já começou a recuperar e, no ano passado, 26 402 pessoas deixaram-se cativar pela ciência. ●

cas, também há exposições



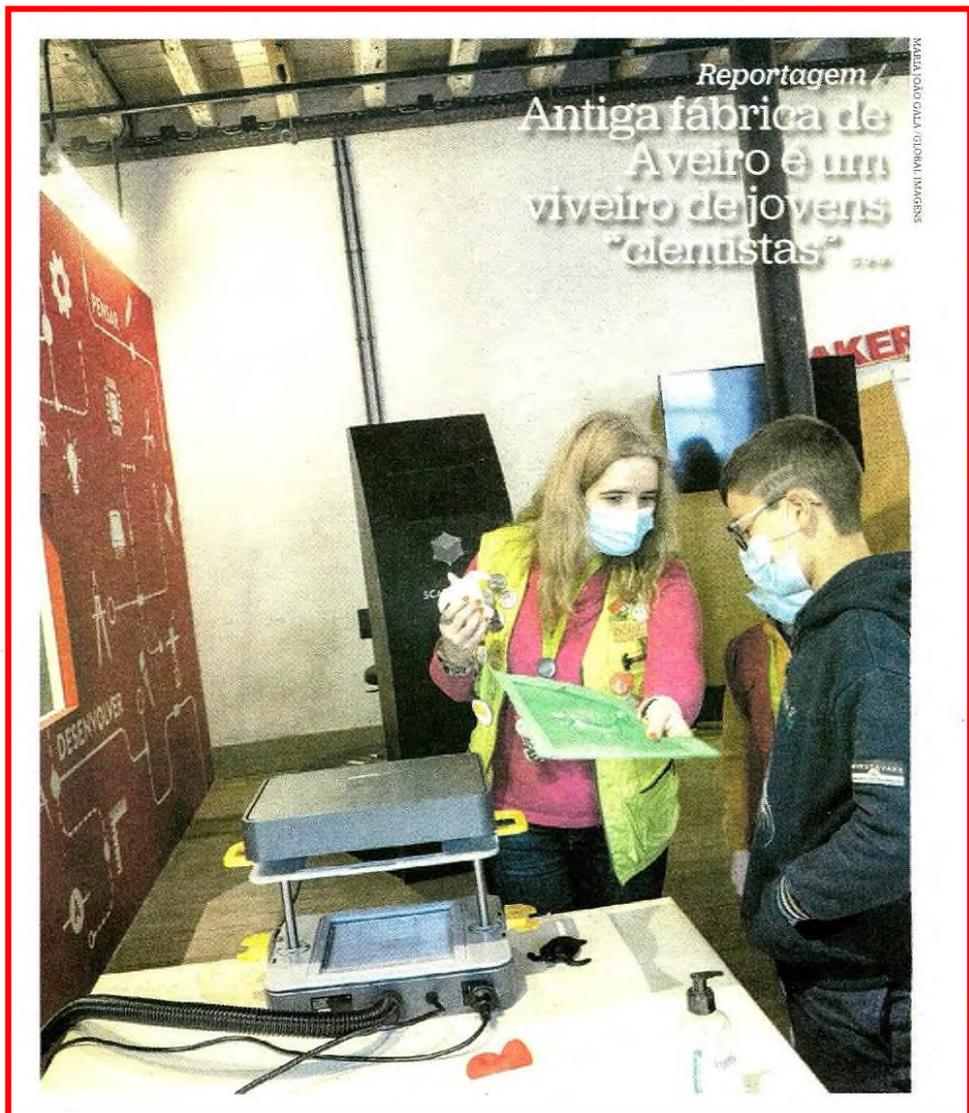
8 MARÇO 2022
Suplemento integrante do Jornal de Notícias.
Não pode ser vendido separadamente.
urbano@jn.pt

Via rápida / Póvoa de Varzim
Mercado municipal distinguido por boas práticas ambientais P.4

Sociedade civil / Lisboa Equipa de palhaços faz rir idosos nos lares sem infantilizar a narrativa P.11

Lá fora / Barcelona Investimento de 33 milhões para reverter uma das principais avenidas P.10

C. universitária Coimbra
Jovem de Guimarães rendida à vida académica na cidade dos estudantes P.5



Geminação entre cidades estimula vários setores

Das ações culturais ao turismo, a cooperação facilita também a economia e a captação de mão de obra estrangeira. De grande relevância são ainda as ações solidárias, sobretudo em países em desenvolvimento P.6-7